


DOI: 10.22476/revcted.v6.486

ISSN: 2447-4223


PESQUISA FORMAÇÃO NARRATIVA (AUTO)BIOGRÁFICA E A ESCRITA DE CARTAS COMO MODO DE DIZER-SER

Juliana Vieira¹

 <http://orcid.org/0000-0003-2818-3374>

UNICAMP, Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação, São Paulo, Brasil.

Inês Ferreira de Souza Bragança²

 <http://orcid.org/0000-0003-4782-1167>

UNICAMP, Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação, São Paulo, Brasil.
UERJ, Universidade Estadual do Rio de Janeiro, Faculdade de Formação de Professores, Rio de Janeiro, Brasil.

Submetido em: 31/11/2020

Aceito em: 20/12/2020

Publicado em: 31/12/2020

Resumo

A escrita narrativa sempre foi companhia durante a vida pessoal e trajetória profissional da professora-pesquisadora-narradora. Inventariar, fazer passar o ar entre os guardados da vida e da profissão, encontrar as cartas escritas por mim para destinatários diversos, em diferentes tempos e espaços de formação, em um movimento articulado à escrita do memorial fundamentado nessas cartas como objetos disparadores de memórias, nos fez perceber, eu e a minha orientadora, que as cartas poderiam ser, ao mesmo tempo que fontes da pesquisa, um material rico em possibilidades de diálogo entre as experiências nos/dos/com os cotidianos escolares e os contextos histórico-político-sociais da profissão docente e da formação de professoras/es. Do ponto de vista teorico metodológico, a escolha por uma *pesquisa formação* narrativa (auto)biográfica, que articula durante todo o percurso as três dimensões: *fontes* narrativas, o *registro* e também a forma de *produzir conhecimento*, se delineou como uma forma outra de pesquisar, onde o movimento reflexivo inicial-contínuo-permanente desloca a ênfase da materialidade das fontes propriamente

¹ Professora da rede pública municipal do município de Campo Limpo Paulista. Mestre em Educação pela Universidade Estadual de Campinas - Unicamp - Programa de Mestrado Profissional em Educação Escolar. Doutoranda em Educação pela Universidade Federal de São Carlos - UFSCar - Programa de Mestrado em Educação da UFSCar-Sorocaba - PPGE-So. Endereço para correspondência, e-mail: juvieira.educ@gmail.com

² Pós-Doutora pela PUCRS, Doutora em Ciências da Educação pela Universidade de Évora-Portugal, Mestre em Educação e Pedagoga, pela UFF. Professora da Faculdade de Educação da Unicamp e colaboradora do PPGE em Educação Processos Formativos e Desigualdades Sociais da FFP/UERJ. Coordena o Grupo Interinstitucional de *Pesquisa formação* Polifonia, vinculado ao Grupo de Estudos e Pesquisas em Educação Continuada (GEPEC/UNICAMP) e ao Núcleo de Pesquisa e Extensão Vozes da Educação (FFP/UERJ), E-mail: inesbraganca@uol.com.br



ditas e dos possíveis resultados e/ou respostas, para o percurso (per)formativo que se dá no processo de pesquisar. Os caminhos e (des)caminhos, o roteiro prévio, bem como os desvios da pesquisa, provocaram a reflexividade na/da/com uma prática ressignificada e constituinte do docente-gente que ao narrar-pesquisar, pesquisar-narrar, busca criar um movimento dialógico de reflexão, (per)formação e constituição identitária que revelam e afirmam ou não, um modo de ser-estar na docência. E desse movimento trago algumas lições, entre as quais destaco: a escrita é potencialmente um lugar de constituição identitária e memória, forja um modo de ser-estar nosso com os outros, na vida-formação. A carta é um importante dispositivo de reflexão, encontro e relações entre pares e grupos. O cotidiano é potencialmente (per)formativo quando o vivido é refletido, escrito, narrado e compartilhado. Narrar as experiências e publicizá-las é um ato ético-político, que nasce no movimento memorialístico, mas que tem um fim no campo da ação, através da tematização de experiências, favorecendo os processos identitários e percursos de autoria através da pesquisa narrativa (auto)biográfica e da escrita docente.

Palavras-chave: Formação de professores; cartas; pesquisa narrativa (auto)biográfica; escrita docente.

RESEARCH (AUTO)BIOGRAPHICAL NARRATIVE FORMATION AND LETTER WRITING AS A WAY OF SAYING-BEING

Abstract

Since narrative writing has always been accompanying my personal life and professional career. To inventory, and find the letters written by me to different recipients, in different times and formation degrees, in a movement articulated to the writing of the memorial, based in these letters like memory triggering objects, made us realize, I and my advisor, that the letters could be, at the same time objects of research study, and a rich material in the dialogue between the experiences of school daily life and the historicalpolitical-social contexts. The rereading of the letters and the memorial writing process during the first semester of the Professional Master's Degree overflowed with perspectives of continual (self)biographical narrative writing, a dialogue between memories, narratives and instituting experiences. From the theoretical-methodological point of view, the choice for a (self)biographical narrative research, which articulates the three dimensions throughout the journey: data sources, the register and also the way to produce knowledge, has been delineated as a different research form. where the initial-continuous-permanent reflexive movement shifts the emphasis from the materiality of the sources themselves and of the possible results and/or answers, to the (per)formative course of this dissertation. The paths and (mis)paths of this research-formation, the previous script, as well as the deviations, have caused the reflection in/with a re-signified practice and constituent of the teacher-people that when narratingresearching, researching-narrating, create a dialogical movement of reflection, (per)formation and constitution of identity that reveal and affirm or not, a way of being in teaching. And from this movement I bring some lessons that I present in letters nine and ten, among which I highlight: writing is potentially a place of identity constitution and memory, forging a way of being ours with others, in life-formation. The



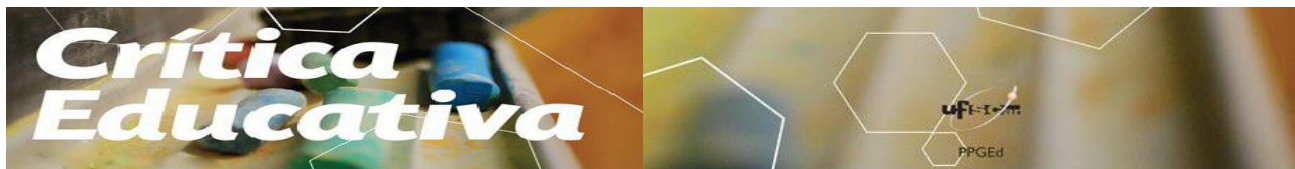
letter is an important device for reflection, meeting and relationships between peers and groups. The everyday is potentially (per)formative when the lived is reflected, written, narrated and shared. Narrating the experiences and publicizing them is an ethical-political act, which was born in the memorial movement, but which has an end in the field of action, through the thematization of experiences, favoring the identity processes and paths of authorship through autobiographical and narrative research. teaching writing.

Key words: Teacher training; letter writer; narrative autobiographical research; teacher writing.

INVESTIGACIÓN NARRATIVA (AUTO) BIOGRÁFICA Y ESCRITURA DE MISSIVAS COMO UNA FORMA DE DECIR-SER

Resumen

La escritura narrativa siempre ha sido compañía durante la vida personal y trayectoria profesional del docente-investigador-narrador-autor. Inventario, hacer pasar el aire entre los guardianes de la vida y la profesión, encontrar las cartas escritas por mí a diferentes destinatarios, en diferentes tiempos y espacios de formación, en un movimiento articulado a la redacción del memorial, a partir de estas letras como objetos desencadenantes de recuerdos. , nos hizo darnos cuenta, a mí y a mi asesor, que las cartas podrían ser, al mismo tiempo como fuentes de investigación, un material rico en posibilidades de diálogo entre las experiencias en / de / con la escuela cotidiana y lo histórico-político- social. Desde el punto de vista teórico y metodológico, la elección por una investigación narrativa (auto) biográfica, que articule las tres dimensiones a lo largo del curso: las fuentes narrativas, el registro y también la forma de producir conocimiento, se planteó como otra forma de investigación, donde el movimiento reflexivo inicial-continuo-permanente desplaza el énfasis de la materialidad de las fuentes mismas y de los posibles resultados y / o respuestas, al camino (per) formativo que se da en el proceso de investigación. Los caminos y (des) caminos, el guión anterior, así como las desviaciones de la investigación, provocaron la reflexividad en / con / una práctica reencuadrada y constituyente del docente-pueblo que, al narrar-investigar, investigar-narrar, busca crear un movimiento. dialógico de reflexión, (per) formación y constitución de la identidad que revelan y afirman o no, una forma de ser en la enseñanza. Y de este movimiento traigo algunas lecciones, entre las que destaco: la escritura es potencialmente un lugar de constitución identitaria y de memoria, forjando una forma de ser-nuestro con los demás, en la formación de la vida. La carta



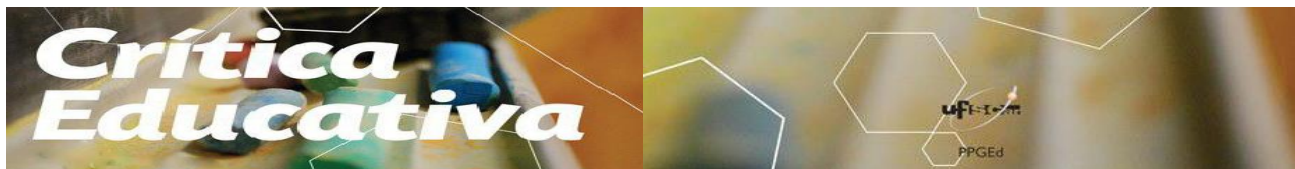
es un dispositivo importante para la reflexión, el encuentro y las relaciones entre pares y grupos. Lo cotidiano es potencialmente (per) formativo cuando lo vivido se refleja, se escribe, se narra y se comparte. Narrar las vivencias y darlas a conocer es un acto ético-político, que nace en el movimiento memorialista, pero que tiene un fin en el campo de acción, a través de la tematización de las experiencias, favoreciendo los procesos identitarios y caminos de autoría através de la investigación narrativa (auto) biográfica e escritura docente.

Palabras clave: Formación de profesores; missivas; investigación narrativa (auto) biográfica; escritura docente.

1. Para começarmos a conversa

O artigo apresenta os movimentos percorridos por uma professora da educação básica na escrita da dissertação apresentada ao Programa de Mestrado Profissional em Educação Escolar da UNICAMP. Uma *pesquisa-formação* narrativa (auto)biográfica que procura revisitar a própria trajetória de vida-formação da professora para compreender suas práticas, escolhas e percurso formativo que se dá na relação com muitos outros e com suas experiências refletidas e tematizadas, em uma construção histórica de si e da sua profissão.

Uma inquietação, em pleno exercício da profissão professora, após ter atuado em diferentes cargos e funções de formação e gestão, o retorno à sala de aula, o contato direto com as crianças e o (re) aprender, acenderam o desejo pela pesquisa, em especial, da experiência construída ao longo da trajetória docente e, portanto, através da escrita narrativa sobre a própria prática da professora. Dez anos após concluir a graduação, já com uma certa segurança no que e como fazia, percebeu mais uma vez e sempre que era preciso re-ver, com os olhos do viajante que retorna ao mesmo lugar. Lugar e viajante que não são mais os mesmos. “É preciso voltar aos passos que foram dados, para repetir e para traçar caminhos novos ao lado deles. É preciso recomeçar a viagem. Sempre.” (SARAMAGO, 1982, p.279). Citado por Nóvoa, John Dewey, pedagogo americano e sociólogo do princípio do século, dizia: “quando se afirma que o professor tem 10 anos de experiência, dá para dizer que ele tem 10 anos de experiência ou que ele tem um ano de experiência repetido 10 vezes”. E, na verdade, há muitas vezes esta ideia, da experiência como tempo de serviço e embora tenha também adquirido o nome de “experiência”, o tempo de serviço é somente tempo de serviço. O



tempo de trabalho por si só, pode ser uma mera repetição, uma mera rotina, não é ele que é formador. Formadora é a experiência e a reflexão sobre a experiência, ou a pesquisa sobre e com as experiências.

A experiência a que nos referimos se veste desse sentido, daquilo que nos toca, como nos ensina Larrosa (2002). Formativa é a experiência, quando entendida como o vivido refletido. Em A experiência de escrita como espaço-tempo de formação, Nogueira e Soligo (2016) referem-se a Contreras ao evidenciarem este sentido ‘outro’ e nos levam a refletir sobre a ‘experiência’ na perspectiva do que ‘nos’ passa e é constitutivo: A experiência é um acontecimento que só é possível como fruto do vivido. É o que nos toca, nos deixa marcas, nos ensina, tem em nós um efeito pessoal e vai forjando um modo de ser e estar no mundo, uma consciência dos sentidos do que se vive. Isso requer disponibilidade para interrogar o vivido e refletir sobre ele, constituindo uma forma implicada de agir, que não admite as coisas irem se passando simplesmente, que pressupõe pensar-se em relação ao que acontece. (NOGUEIRA, SOLIGO; 2016; p. 112) Se é essa a perspectiva de experiência que acreditamos, do vivido refletido, de um vivido que nos passa e toca, Larrosa em “Notas sobre a experiência e o saber de experiência” lembra que as experiências são cada vez mais raras por falta de tempo, característica do mundo moderno, e que a falta de silêncio e memória são inimigas mortais da experiência: A experiência, a possibilidade de que algo nos aconteça ou nos toque, requer um gesto de interrupção, um gesto que é quase impossível nos tempos que correm: requer parar para pensar, parar para olhar, parar para escutar, pensar mais devagar, olhar mais devagar, e escutar mais devagar; parar para sentir, sentir mais devagar, demorar-se nos detalhes, suspender a opinião, suspender o juízo, suspender a vontade, suspender o automatismo da ação, cultivar a atenção e a delicadeza, abrir os olhos e os ouvidos, falar sobre o que nos acontece, aprender a lentidão, escutar aos outros, cultivar a arte do encontro, calar muito, ter paciência e dar-se tempo e espaço. (LARROSA; 2002; p.19). Desta forma, acreditamos na publicação e circulação de relatos de experiências docentes e na escrita pedagógica de narrativas como um caminho potencializador de reflexão e formação, que por meio de um olhar sensível ao cotidiano escolar, podem (re) significar as práticas formativas e as relações, de modo que a experiência seja a referência principal e constitutiva do docente na formação inicial e continuada e em seus processos de autoria.

As fontes da *pesquisaformação* e que resultou na dissertação foram constituídas de registros de experiências vividas no cotidiano escolar, escritos em forma de cartas onde quem escreve é a professora no exercício da docência e em diferentes tempos e espaços percorridos ao longo da formação inicial e continuada, rememorando o que narrou outrora nas cartas que escreveu aos alunos, colegas de trabalho e familiares com os olhos de quem vê, sente, problematiza, investiga e trans-vê, rememorando as cartas escritas e escrevendo outras a partir dessas, tendo como ponto de partida, as fontes iniciais, num entrelaçamento contínuo e progressivo entre narrar e metanarrar.

Entre os gêneros narrativos, a carta. Por quê? A escrita, de forma geral e as narrativas, sempre estiveram presentes na prática cotidiana da professora-pesquisadora, na formação inicial e continuada, seja na forma das exigências institucionais (registros burocráticos) ou nos registros espontâneos (registros narrativos): escrita de poemas, crônicas acerca do cotidiano escolar, textos para espetáculos teatrais, poemas de cordel e um gênero em especial, as cartas. O gosto e o hábito escrever cartas aos alunos/as, aos funcionários/os, às professoras/es, tornou-se uma prática ao longo dos anos.

Ao estudar as especificidades do método biográfico, Ferrarotti (2010, p. 43) considera a utilização de dois tipos de materiais nessa abordagem: primários e secundários. Sendo os primários, as próprias narrativas (auto)biográficas, produzidas na e com a pesquisa, pelos envolvidos diretamente no processo de investigação. Os secundários, como: correspondências, fotografias, documentos oficiais, processos verbais, recortes de jornal e etc., produzidos fora do contexto da pesquisa e tomados equivocadamente, muitas vezes, de forma meramente ilustrativa, colaborando para o empobrecimento do método biográfico e morte da subjetividade quando assim tomados. Lembra que é necessário “trazer ao coração do método biográfico, os materiais primários e sua subjetividade explosiva na comunicação interpessoal complexa e recíproca entre narrador e observador”. No caso da dissertação, narradora-observadora eram a mesma pessoa a narrar e observar o narrado, como aponta Ferrarotti: “um sujeito-objeto que se observa e se reencontra”, através das cartas e narrativas produzidas pela autora-sujeito, como escolheu nomear freireanamente, consistindo assim, em materiais primários todas as fontes da pesquisa. Fontes reveladoras de uma subjetividade que é individual, mas que pode trazer indícios, evidências das realidades sociais e dos processos coletivos formativos.

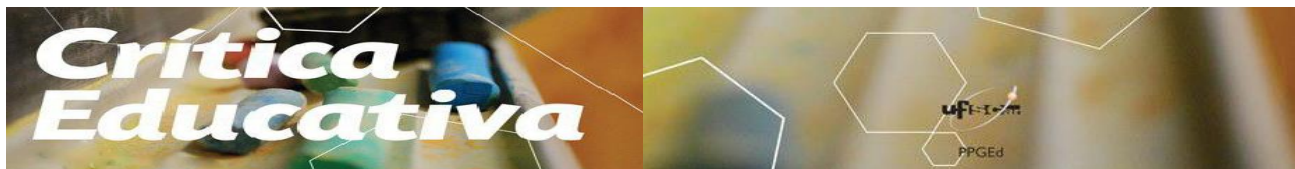


Acerca da escrita de cartas, a professora-pesquisadora afirma que: era-é também um modo de dizer-ser, já que sempre se sentiu mais à vontade com as palavras escritas que com as faladas. E justifica: *escrever é meu modo mais confortável de dizer. A escrita de cartas entrou na minha vida desde muito cedo, aos doze anos, quando minha avó, já com as mãos trêmulas, comprava folhas, cartões, envelopes e selos e me pedia para escrever cartas aos parentes distantes, geralmente aos finais de ano para desejar boas festas e anos prósperos. Poucos anos mais tarde li a primeira Carta de Paulo Freire aos professores em um caderno de formação da rede municipal de ensino de São Paulo, material que minha irmã, professora, recebia periodicamente, o que me inspirou a conhecer sua obra e a partir dela, outras de suas cartas. Mais recentemente – Carta a um jovem investigador, de António Nóvoa e uma carta de Idália Sá-Chaves endereçada a ela mesma e apresentada no último evento do “Fala outra escola” – GEPEC 2015, que respondia à questão: o seu olhar transforma o meu? Escrever cartas é uma forma de registrar nossas experiências, impressões, memórias, organizar e sistematizar os fatos, que a partir da leitura e reflexão, poderão ser problematizados e transformados em fonte fecunda de construção de conhecimento.*

A carta é essencialmente um gênero que implica pessoalidade, uma relação dialógica, de intensa comunicação. Cartas são escritas em diferentes situações comunicativas, revelam contextos, lugares, momentos pessoais das histórias dos sujeitos e sempre na busca por uma interlocução direta entre remetentes e destinatários, entre quem escreve e quem lê.

Na pesquisa narrativa (auto)biográfica, é comum que se tenha a sensação de estar implicada na escrita subjetivista, pouco objetiva e consequentemente colocar-se o tempo inteiro em dúvida, se o que estou escrevendo deveria mesmo ser dito e se seria, de que forma? Essa é uma sensação a ser superada pela pesquisadora que decide romper com a objetividade, neutralidade e distanciamento do sujeito/objeto presentes numa perspectiva positivista de pesquisa. Enxergar a subjetividade como especificidade e característica das biografias/ (auto)biografias é, portanto, essencial.

Para Ferrarotti (2014, p. 72), “é possível que o método biográfico consiga reaver os termos da relação do humano com o humano”, e que “podemos conhecer o social partindo da especificidade irreduzível de uma práxis individual”, já que uma biografia não é somente um relato de experiências, mas uma representação das microrrelações sociais.



Nesse sentido, narrar a própria trajetória de vida-formação, ou seja, “dar conta da prática humana”, só pode se dar de forma dialética, com toda a complexidade e subjetividade de uma história que é individual, mas também síntese de um sistema social.

Assim, entre as cartas inventariadas e as cartas escritas no movimento da pesquisa, a dissertação se estruturou a partir do registro de dez cartas escolhidas para compor as memórias da trajetória de vida-formação da professora-pesquisadora, que buscou revelar os marcos da sua formação inicial e continuada, os acontecimentos biográficos e os indícios de um processo identitário que tem na escrita docente, um exercício de autoria.

2. Diálogos e caminhos da *pesquisaformação*

A *pesquisaformação* que partilhamos, dialoga com os conceitos de experiência, memória, palavra, escrita, sujeito, tendo como interlocutores Freire (1987, 1993, 1994, 1997, 2000), Certeau (1998), Larrosa (2002), Benjamin (1994, 2011), Foucault (1992) e Bakhtin (1988, 1994, 1997, 2000). No campo da formação de professores e da pesquisa narrativa (auto)biográfica: Prado (2008, 2011, 2018), Bragança (2012, 2013, 2018), Soligo (2014, 2015, 2016), Sá-Chaves (2019), Sadalla (2008), Nóvoa (1992, 2000, 2010, 2019), Josso (2010), Passeggi (2011, 2017) e mais uma vez, Freire (1987, 1992, 1993, 1994, 1997, 2000). Saramago (1982, 1985, 2010) e Calvino (1994) permitiram o uso das metáforas que acompanharam a escrita da professora-pesquisadora acerca do *exercício do olhar*, de *voltar aos passos dados* para ver o que não foi visto, ver outra vez o que já se viu para recomeçar. Entre outros sujeitos, também autores, com os quais convive-conviveu diretamente na vida-formação.

A opção por uma *pesquisaformação* narrativa (auto)biográfica é uma escolha *epistemopolítica* que reafirma o desejo por modos e caminhos outros de produção do conhecimento científico e pedagógico, um “conhecimento prudente para uma vida decente” (SANTOS, 2006), implicando também no compromisso com um projeto emancipatório de sociedade (FREIRE, 1992). Perspectivamos uma pesquisa que assume a construção do conhecimento comprometido com a vida, com a formação humana em sentido integral e, assim, não aguarda a conclusão da pesquisa para que esta reverbere em possíveis contribuições, mas ao longo do processo se dispõe aos movimentos de *trans-form-ação*, uma *pesquisa-ação-formação* em permanente movimento.

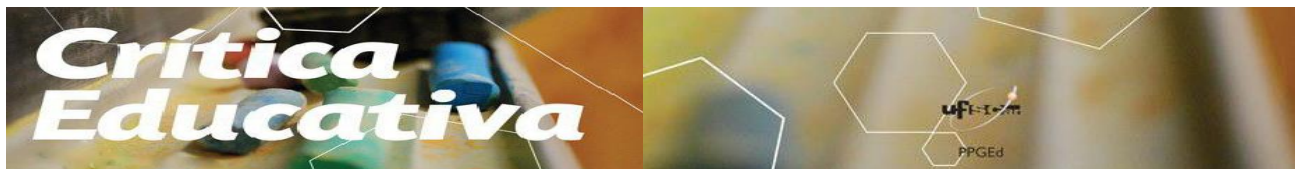


Essa perspectiva encontra fundamentação na dialética histórica, no conceito de práxis, tal como proposto por Marx, que perspectiva uma filosofia que não apenas interprete o mundo, mas possa transformá-lo, por meio de uma imbricação entre prática-teoria-prática. [...]. Nesse sentido, a pesquisa-formação coloca-se como um paradigma metodológico que procura romper com a neutralidade e objetividade das práticas de pesquisa, aproximando investigadores e participantes da dinâmica viva do conhecimento (BRAGANÇA; 2012; p.115).

Bragança, ao tematizar a força de palavras-conceito, nos traz junto com Josso, um transbordamento da palavra pesquisa, para *pesquisaformação*: “a narrativa em seus diversos modos de expressão – oral, escrita, imagética, videográfica – mobiliza processos reflexivos, conhecimentos e, assim, pesquisadores/as e sujeitos se formam em partilha, tendo como fios dessa formação as questões de estudo tematizadas” (BRAGANÇA, 2018, p. 68). Nesse caminho valorizamos os conhecimentos produzidos pelas/os professoras/es na vida-formação, colocando a experiência, a memória, a dialogicidade e a reflexividade na centralidade da pesquisa a partir da escrita narrativa e da escrita de si, de si nas relações cotidianas com muitos outros e, nesse sentido, uma *pesquisaformação* narrativa (auto)biográfica.

A partir dos anos 2000, novas orientações acrescentaram-se à perspectiva inicial, diversificando e ampliando a investigação sobre as escritas de si no processo de formação e profissionalização docente. A diversidade de abordagens utilizadas nesses estudos encontra na denominação de pesquisa (auto)biográfica um território comum e propício ao diálogo entre pesquisadores, em rede nacional e internacional. Adotada nas diferentes edições do Congresso Internacional sobre Pesquisa (Auto)Biográfica (CIPA), essa denominação remete a um campo de investigação já consagrado em países anglo-saxões (Biographical Research), na Alemanha (Biographieforschung) e em processo de reconhecimento na França (Recherche biographique em éducation). Nessa perspectiva, não se trata de encontrar nas escritas de si uma “verdade” preexistente ao ato de biografar, mas de estudar como os indivíduos dão forma à suas experiências e sentido ao que antes não tinha, como constroem a consciência histórica de si e de suas aprendizagens nos territórios que habitam e são por eles habitados, mediante os processos de biografização. (SOUZA; PASSEGGI; VICENTINI, 2011, p. 370)

Na reflexão dos autores, identificamos a polifonia de expressões que nomeiam o campo em diversos países, tais como *pesquisa autobiográfica*, *investigação biográfica*, *pesquisa biográfica em educação* e, ainda, *investigación biográfico-narrativa en educación*, no mundo ibero-americano (PASSEGGI; SOUZA, 2017, 16). No Brasil por influência da obra “O Método (Auto)biográfico e a Formação” (NÓVOA; FINGER, 2010) e a realização, em 2004, do I Congresso Internacional de Pesquisa (Auto)Biográfica, nomeia esse campo de investigação entre nós. A circulação da obra “Pesquisa Narrativa: experiência e história em pesquisa qualitativa” (CLANDININ; CONNELLY,



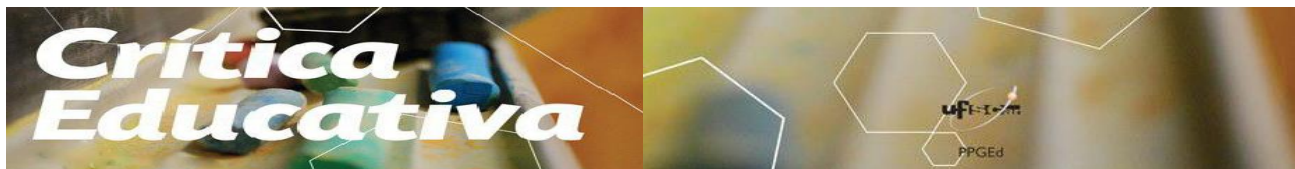
2015) também favoreceu o uso corrente no Brasil da expressão *pesquisa narrativa*. Tanto no âmbito internacional como nacionalmente, observamos, assim, grande diversidade terminológica, contudo, o olhar atento dirigido à produção do campo dá a ver princípios *epistemopolíticos* e *teoricometodológicos* comuns. No Grupo Interinstitucional de *Pesquisaformação* Polifonia³, tomamos as diversidades como limiares porosos, não como fronteiras, e articulamos de forma indissociável pesquisa e formação, narrativa e (auto)biografia. Ao produzir conhecimentos nos formamos e ao narrar produzimos (auto)biografias sempre prenhes dos muitos outros que nos habitam e que conosco constroem a vida em um transbordamento auto-hetero-biográfico que nos per-forma.

Dialogando com essas reflexões e conceitos, a *pesquisaformação* se desdobra do ponto de vista *teoricometodológico* das mais diferentes e inventivas formas, apontando para uma intencionalidade e de forma articulada ao campo problemático, aos objetivos e questões de estudo. A dissertação de Mestrado Profissional aqui partilhada tomou como caminho a escrita de cartas. E podemos perguntar: por que escrever uma dissertação em forma de cartas? Por que inventariar os objetos guardados ao longo da trajetória profissional? Por que narrar os cotidianos? Por que rememorar as próprias experiências? Por que uma pesquisa narrativa? Por que uma pesquisa narrativa (auto)biográfica? Por que uma pesquisa-outra, uma ciência-outra?

A releitura de cartas redigidas ao longo da trajetória pessoal-profissional durante a escrita do memorial de formação, acompanhada pela tentativa de se fazer um inventário foi o movimento inicial mais formal da pesquisa da estudante no contexto do mestrado profissional e que se desdobrou em uma narrativa maior, a própria dissertação.

As cartas escolhidas revelam os marcos de uma trajetória profissional, escritas na condição de professora iniciante na rede privada de ensino, diretora escolar e professora em formação continuada. Benjamin (1994, p. 201), nos aponta a importância do ato de narrar, em especial nesse tempo-espço de pobreza de experiências, onde o “narrador retira da experiência o que ele conta:

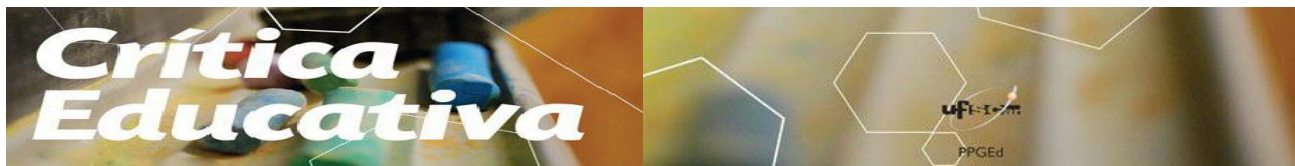
³ Grupo interinstitucional vinculado ao Gepec (Unicamp) e ao Vozes (UERJ), que reúne professores/as-pesquisadores/as da universidade e da escola básica, estudantes de graduação e pós-graduação, em um diálogo entre a Faculdade de Educação da Universidade Estadual de Campinas (FE/UNICAMP), a Faculdade de Formação de Professores da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (FFP/UERJ) e as escolas.



sua própria experiência ou a relatada pelos outros. E incorpora as coisas narradas à experiência dos seus ouvintes”.

No planejamento da pesquisa, a professora-pesquisadora, inspirada em uma releitura realizada do livro “Professora sim, tia não – cartas a quem ousa ensinar” (FREIRE, 1993), elegeu o número de cartas que poderia compor a dissertação, dez foi o número previamente escolhido, bem como no livro. Cada uma delas tecida, refletida, retomada em novos e múltiplos sentidos.

Uma primeira aproximação com as leitoras/es, trazendo desde o início, as questões de estudo, os caminhos teoricometodológicos e a forma como a escrita foi sendo tecida. *A escrita como comunicação e expressão, um modo de dizer.* Algumas memórias das experiências com o feminino nos papéis de neta, filha, e irmã na (com) vivência com as mulheres que (per)formaram/ (per)formam, na intenção de lembrá-las/ lembrar-se, reconhecê-las/ reconhecer-se, revelá-las/revelar-se, descobri-las/descobrir-se e olhar para a pesquisa (auto)biográfica como uma prática potente e necessária no processo de constituição identitária. *A escrita como conhecimento de si no mundo.* A escrita de uma carta a um professor ainda desconhecido, revela o desejo da professora de ingressar no mestrado, suas tentativas, uma breve apresentação dos caminhos formativos na docência, formação de professoras e gestão. *A escrita como modo de fazer pesquisa e descobrir-se pesquisadora.* Algumas memórias da formação inicial na rede privada, na educação infantil e fundamental são trazidas a partir de uma carta-poema que foi entregue junto à carta de demissão após trabalhar por seis anos na mesma escola e sentir que ali não era mais o seu lugar de ser-estar professora. *A escrita que antecede e fundamenta o ato.* A primeira carta escrita para uma turma de alunos, prática que se tornou permanente nos anos que viriam, um retomo às lembranças do início da carreira, como estagiária-professora em creche municipal e a reflexão acerca da utilização do estagiário como mão de obra barata, bem como a feminização do magistério e as primeiras dificuldades encontradas na profissão, o ingresso na rede pública como professora na educação especial, o encontro com uma professora inspiradora que ajuda a olhar e aprender naquele lugar e uma outra carta que contextualiza as transições como estagiária-professora-formadora-diretora-coordenadora. *A escrita na relação professora-alunos e como abordagem metodológica de/na formação continuada.* Os fios na trama da trajetória de formação: a importância dos estágios, a precarização do trabalho docente. *A escrita como partilha de experiências, uma escrita que me*

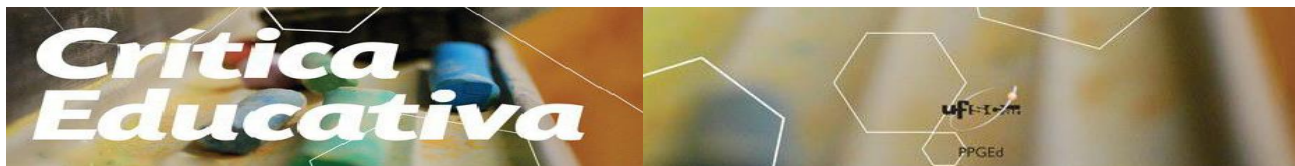


(per)forma e a possibilidade de (per)formar outros. A experiência como participante de um curso de formação de formadores, via cartas. As cartas como correspondências formativas, uma metodologia dialógica de formação a partir de cartas reflexivas compartilhadas em grupo e à distância, através de e-mails, um retorno às questões de estudo ajustando o foco para a centralidade da pesquisa, além de aprofundar a discussão teórico metodológica acerca da escrita de narrativas (auto)biográficas como um prática potente na (per)formação de professoras - A escrita como um modo de dizer-ser, mas uma escrita-outra: dialógica, sensível, poética, literária, estética e narrativa. E por fim, a retomada da questão que se tornou a centralidade da pesquisa entre as demais, de modo a respondê-la e evidenciar outras lições encontradas no processo de escrita, leitura e releitura das narrativas e referências, num breve reencontro com Freire e Foucault para construir o sentido da importância da escrita e do gênero. A escrita como busca e encontro de sentidos, lições e indícios de (per)formação e constituição de processos de autoria.

Esse intercâmbio de experiências que a narrativa (auto)biográfica a partir da escrita do memorial e do exercício de inventariar os guardados, junto a leitura e escrita de cartas que em sua característica, está sempre a buscar um outro fora-dentro de nós, é essencialmente, um movimento dialógico e humano no campo das relações, uma possibilidade potente de formação de professoras/es que tematizam suas práticas e produzem conhecimento na e com a escrita, na e com as experiências.

3. Indícios, sentidos e lições

A carta de número dez e a última escrita na e para a *pesquisaformação* representa um reencontro sempre inspirador e aprendente com Freire. Se Paulo escolheu dez cartas para compor o seu livro é porque é um bom número, deve ter tido alguma razão muito bem fundamentada a qual ele nunca disse e/ou nunca foi perguntado. Ou não, e se foi por acaso, também há de ser uma justificativa e essa é uma *primeira lição*: os acasos, detalhes mínimos e despercebidos, podem guardar potentes reflexões, justificativas, razões. Embora a opção tenha sido por uma pesquisa (auto)biográfica, o fato é que não se faz pesquisa sozinha, autobiografar-se não é um movimento solo, não é solitário, dizer-se, dizer de si, é dizer com os muitos outros, outros que nos constitui quem somos e vamos sendo na polifonia das vozes singulares e plurais e essa é uma *segunda lição* para nós que estamos a educar: pensamos com o outro, seja por identificação ou contraposição, mas



com o outro, com muitos outros e lembrar esses outros é reconhecer o caráter coletivo e humanizador da nossa profissão, não só pensamos, mas nos humanizamos ou não nas/com as relações. Assim como para Freire, em *Professora sim, tia não*, ao escolher um título para cada carta, que representasse uma ideia central da carta em questão, notou-se que a ideia central trazia outras ideias igualmente relevantes, o que gerou subtítulos e aqui, uma *terceira lição*: uma ideia está sempre a gestar outras. As cartas de Paulo, numeradas ordinalmente; as da dissertação cardinalmente, lembram capítulos que ajudam os leitores a se localizarem e transitarem pelos temas e não a dividi-los, separá-los. Uma *quarta lição*? Tudo está conectado, entrelaçado, relacionado...ainda que nossas práticas histórica e socialmente construídas insistam em dividir, marcar, segmentar, dicotomizar, agrupar.

Na introdução, Paulo revela que escreveu o livro em dois meses, com total entrega e intensidade na escrita que ocorria em sua casa, hotéis e aviões. Fez agradecimentos pelo apoio recebido e citou um único homem, seu editor. Todos os demais agradecimentos foram para mulheres: esposa, filha e professoras, onde encontrou a possibilidade de partilha, interlocução, paciência e escuta. Com total entrega e intensidade, uma dissertação leva pelo menos dois anos para a sua conclusão. Fosse Paulo mulher, fosse Paulo mulher-mãe-professora-pesquisadora, teria conseguido escrever um livro em dois meses? Teria conseguido sem essas mulheres que sempre o apoiaram? O próprio Freire reconhecia que não, dedicou seu título de Doutor Honoris Causa na PUC de São Paulo "à memória de uma e à vida da outra", referindo-se às duas esposas, Elza e Nita. *Quinta lição*: tudo é e talvez continue sendo por muito tempo, mais difícil para nós, mulheres. São essas algumas lições-provocações.

São também lições da *pesquisaformação* com Freire e com as cartas: olhar o miúdo, perceber o outro, tudo é dinâmico, complexo e relacionado e, por fim, as mulheres precisam ocupar seus tempos-espacos de ser-estar, sempre será mais difícil para elas, do que para eles. Paulo Freire, certamente, não escreveu essa introdução com o objetivo de ensinar essas lições. Foi a professora-pesquisadora, com sua leitura possível, com olhos de ler, com as suas experiências, no contexto de conclusão da dissertação, que o leu deste modo, a encontrar lições. Encontrar é diferente de buscar, um encontro pode se dar na busca e também fora dela, ao acaso.



Na *pesquisaformação* a questão de estudo se desdobrou em um campo problemático com muitas outras questões e mirar para uma única questão inicial pode limitar o campo de visão. A questão inicial era: *de que modo a experiência da escrita pode ser tomada como constitutiva do docente em seus caminhos de formação e percursos de autoria?* Não foi planejado um capítulo na dissertação para respondê-la, mas um percurso de pesquisa que trouxe de forma progressiva a escrita docente como um elemento central e potente na formação de professoras/es como uma metodologia dialógica (per)formativa, constitutiva de um processo identitário e, portanto, autoral do docente em suas trajetórias de formação inicial e continuada. Uma escrita-outra, ética, estética e política.

Narrativa como é a vida, como é o pensamento essencialmente humano e dialético. Escritas das/com/nas experiências. As cartas, podem ser um modo de. Entre tantos. Foucault (1992, p. 150), em *A escrita de si*, lembra que a escrita de correspondências é “mostrar-se”, um dar-se a ver porque faz aparecer o próprio rosto junto ao outro e, ainda: “uma maneira de o remetente se oferecer ao olhar pelo que de si mesmo lhe diz. De certo modo, a carta proporciona um face a face”. Refere-se à escrita como, “o próprio corpo daquele que, ao transcrever as suas leituras, se apossou delas e fez sua a respectiva verdade: a escrita transforma a coisa vista ou ouvida “em forças e em sangue”. Transformação que leva a uma ação racional, onde se coloca a possibilidade de um exercício e aperfeiçoamento de si na/com a escrita.

Sim. A escrita, lugar de identidade e memória, forja um modo de ser-estar nosso, com os outros na vida-formação. A carta é um importante dispositivo de reflexão, encontro e constituição de pares/grupos. O cotidiano é (per)formativo, quando o vivido é refletido. Narrar as experiências e publicizá-las é um ato “ético-político”, que nasce no movimento memorialístico, mas que tem um fim no campo da ação. Um passado que se presentifica através da narrativa e nos coloca a olhar para esse presente-futuro com os olhos do viajante, que volta para trilhar caminhos novos. Ao lado dos seus outros. Viajante e paisagens que se modificam, mutualmente.

4. Considerações finais, ainda sobre e para não terminar a conversa

A reflexão sobre essas narrativas escritas e documentadas durante a trajetória profissional podem ressignificar as práticas formativas, produzir saberes significativos e ser constitutiva do



processo identitário e autoral da professora-pesquisadora. Esse trabalho de reflexão, a partir de uma descrição da formação de si (pensante, sensível, imaginante, comovendo-se, apreciando, amando) permite ter a medida das mutações sociais e culturais nas vidas singulares e relacioná-las com a evolução dos contextos de vida profissional e social. As subjetividades expressas são confrontadas com sua frequente inadequação para uma compreensão libertadora da criatividade em nossos contextos de mutação. (JOSSO; 2010; p.67)

Nunca será demais dizer e redizer para os que já sabem e, principalmente, aos que ainda desconfiam da validade, da representatividade e importância das pesquisas narrativas em Educação, que trazem a experiência como o grande campo a ser transitado, (re) vivido e refletido e a voz de professoras como pesquisadoras e sujeitos de suas práticas, não mais como objetos. Se vamos falar sobre educação, que as nossas vozes estejam e se façam presentes para dizermos de nós e não para dizerem sobre nós. Faz-se necessário que outras e muitas professoras narrem suas histórias de vida-formação, suas trajetórias invisibilizadas e silenciadas em seus cotidianos escolares, em seus lares, nos diferentes espaços que ocupam na sociedade. As histórias importam. As pequenas histórias importam, os sujeitos comuns importam e movimentam toda a história maior, que nos é apresentada como verdade estática feita de heróis e histórias únicas. Quando se escreve sobre si, embora não seja possível estar só, mais que uma (auto)biografia está em curso, está em curso uma consciência constitutiva de si na relação consigo, com os outros e com o mundo.

5. Referências

BENJAMIN, Walter. **O narrador, considerações sobre a obra de Nicolai Leskov.** In: BENJAMIN, Walter. *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura.* Obras escolhidas, v.1. 7 ed. [Trad. Sérgio Paulo Rouanet]. São Paulo: Brasiliense, 1994. p. 198.

BRAGANÇA, I. F. S. **Pesquisa formação narrativa (auto)biográfica: trajetórias e tessituras teórico-metodológicas.** In: Maria Helena Menna Barreto Abrahão; Jorge Luiz da Cunha; Lúcia Villas Bôas. (Org). *Pesquisa (auto)biográfica: diálogos epistêmico-metodológicos.* Curitiba: Editora CRV, 2018; p. 65-81.

_____. **Histórias de Vida e Formação de Professores: diálogos entre Brasil e Portugal.** Rio de Janeiro: EDUERJ/FAPERJ, 2012; p. -582. Disponível em: <https://doi.org/10.7476/9788575114698>.



BRAGANÇA, Inês F. S.; MOREIRA, L. C. P. Formação e profissionalização docente no Brasil: instituições, práticas educativas e história. Revista Eletrônica Pesquiseduca, v. 05, n. 09, 2013; p. 48-56.

CHAVES, Idália Sá - **Teu olhar (trans)forma o meu? Um andamento, cinco variações.** In: VII Seminário FALA Outra ESCOLA – “O Teu Olhar Trans-forma o Meu? 7ª ed. 2015, p. 13. Disponível em: <https://www.fe.unicamp.br/eventos/7falaoutraescola/arquivos/ebook.pdf>. Acesso em 21 de julho de 2019.

CLANDININ, D.J., CONNELLY, M.F. **Pesquisa Narrativa:** experiência e história em pesquisa qualitativa. Uberlândia, Editora UFU, 2015.

FERRAROTTI, Franco. **História e histórias de vida: o método biográfico nas Ciências Sociais.** Tradução Carlos Eduardo Galvão, Maria da Conceição Passeggi. – Natal, RN: EDUFRN, 2010.

_____. **Sobre a autonomia do método biográfico.** In: NOVOA, Antonio; FINGER, Mathias (Orgs.). O método (auto) biográfico. Lisboa, PT: Ministério de Saúde, Departamento de Recursos Humanos da Saúde/Centro de Formação e Aperfeiçoamento Profissional, 1988, p. 17-34.

FOUCAULT, Michel. **A escrita de si.** In: **O que é um autor?** Lisboa: Passagens. 1992. pp. 129-160.

FREIRE, Paulo. **Professora sim, tia não. Cartas a quem ousa ensinar.** São Paulo: Editora Olho D'água, 1993.

_____. **Pedagogia da Esperança:** um reencontro com a pedagogia do oprimido. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

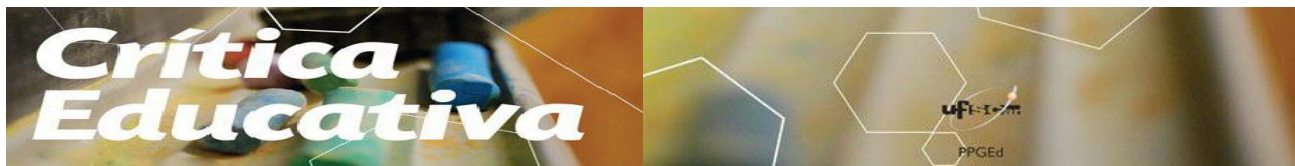
JOSSO, Marie-Christine. **A experiência de vida e formação.** Tradução de José Cláudio, Júlia Ferreira. 2ª edição revisada e ampliada. Natal, RN: EDUFRN, 2010. p. 67.

LARROSA, Jorge. **Notas sobre a experiência e o saber da experiência.** Revista Brasileira de Educação, n. 19, jan./abr. 2002, p. 21.

NÓVOA, António. **O professor pesquisador e reflexivo.** Depoimento: 13/09/2001. São Paulo. Salto para o futuro; TV Escola. Disponível em: <https://api.tvescola.org.br/tve/salto-acervo>. Acesso em 19 de junho de 2019.

NÓVOA, António; FINGER, Matthias (Org.). **O método (auto)biográfico e a formação.** Natal: EDUFRN; São Paulo: Paulus, 2010.

PASSEGGI, M. C. SOUZA, E. C. VICENTINI, P. P. **Entre a vida e a formação: pesquisa (auto) biográfica, docência e profissionalização.** In. Educação em Revista, v. 27, n.01, Belo Horizonte. Abr. 2011. P. 369- 386.



PASSEGGI, Maria da Conceição y SOUZA, Elizeu Clementino. O Movimento (Auto)Biográfico no Brasil: Esboço de suas Configurações no Campo Educacional. **Investigación Cualitativa**, 2(1) pp. 6-26, 2017. DOI: <http://dx.doi.org/10.23935/2016/01032>

SANTOS, Boaventura de Sousa (Org.). **Conhecimento prudente para uma vida decente**. 2ª. Edição. São Paulo: Cortez, 2006.

SARAMAGO, José. **Poemas Possíveis**. 2 ed. Lisboa: Editora Caminho, 1982.

SILVA, Juliana Vieira da. **Narrativas do cotidiano (per)formativo: a escrita de cartas como modo de dizer-ser**. 2020. Dissertação (mestrado) – Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação, Campinas, SP.

SOLIGO, R.; NOGUEIRA, E. G. D. **A experiência de escrita como espaço- tempo de formação**. In: Filomena de Arruda Monteiro; Adair Mendes Nacarato; Helena Amaral da Fontoura. (Org.). **Narrativas docentes, memórias e formação**. Curitiba: CRV, 2016. Disponível em: <https://rosaurasoligositeoficial.files.wordpress.com/2017>